

## Exercício de funambulismo:

### *Balada da prais dos cães*, de José Cardoso Pires

Lélia Parreira Duarte<sup>1</sup>

*Balada da Praia dos Cães* foi publicado em Lisboa em novembro de 1982, catorze anos depois do sucesso de *O Delfim*. Atualmente em décima edição, com 43 000 exemplares vendidos, conta com nove edições estrangeiras, tendo recebido o Grande Prémio de Romance e Novela de 1982, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores.

Aparentemente preocupado em elucidar o achado de alguns cães numa praia, esse último romance de José Cardoso Pires recebeu o subtítulo de “dissertação sobre um crime” e foi chamado de balada porque trata de um acontecimento já tocado pela lenda, à maneira das baladas inglesas.

Esse estado intermediário entre realidade e ficção é uma característica do livro e o inscreve como exercício de funambulismo: seu tecido contém trechos de relatórios judiciais, explicações elucidativas de pé de página, dados históricos objectivos, tradução de excerto de romance, transcrição de depoimentos de testemunhas, criação de personagens a partir de dados reais, sonhos premonitórios que se tornam realidade e cenas imaginadas que alternam com dados concretos. Um exemplo interessante é a cena em que o investigador Elias reflete sobre os dados fornecidos por Mena e outros de que dispõe, enquanto liga o rádio, nele ouvindo diálogos realizados na casa da Vereda, antes do crime.

Essa técnica narrativa torna *Balada da Praia dos Cães* um livro enigmático, difícil e ao mesmo tempo fascinante. O leitor não se preocupa tanto em ver esclarecido o crime, mas deseja penetrar o contexto em que tudo aquilo aconteceu para, ao mesmo tempo, conhecer as regras do jogo de um narrador manhoso que muda a cada momento e reflete os jogos de mentiras e enganos em que estão empenhadas as personagens e a sociedade em que vivem.

Retomando uma tradição romântica, o romance se constrói a partir de um documento enviado ao escritor e redigido por um condenado, co-autor do homicídio. Reunindo a esse documento numerosíssimos elementos pesquisados, o autor recria figuras como a de Elias Santana, o inquiridor-mor do crime, e Mena, a principal narradora da história do major assassinado, envolvendo o leitor em intricada rede que o transforma também em investigador, terceiro elemento nessa cadeia de decifradores de mistério. Por isso mesmo, o leitor é figura importante em *Balada da Praia dos Cães*, já que os acontecimentos apresentam multiplicidade de focos narrativos e oscilam entre a verdade e a dúvida.

<sup>1</sup> Recensão crítica publicada no *Boletim do Centro de Estudos Portugueses* (vol. 4, no. 8, 1982), da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil [Nota dos organizadores].

A reconstituição do crime faz-se através de investigações e, principalmente, pela narração de Mena, personagem cuja importância está na voz e no corpo. Cristalizada no romance a partir dos interrogatórios de Elias Santana, em certo momento este julga desprender-se dela o vulto do major, cuja “fúria de amar tinha sido ele a glorificar o seu fim de macho e a dizer faz-me isso e ela a fazer, faz-me aquilo e ela fazia, um festival de voracidades”. Mena seria, portanto, a criadora da figura do major, através da palavra afirmativa ou interrogativa, mas ao mesmo tempo teria sido criada por ele, que teria determinado seus atos, suas hesitações, suas mentiras. A sua palavra deixa, pois, de ser veículo de “verdade” para tornar-se ficção.

O corpo da personagem, pelo qual Elias está obcecado, é importante porque a fúria de usá-lo ajudou a definir o major e auxilia o leitor a compreender Elias. São duas personagens bem diferentes que se identificam por uma obsessão e apresentam uma preocupação sexual desvinculada de qualquer preocupação de comunicação e entendimento, permanecendo isoladas e solitárias, fechadas em seus pequenos mundos, cheias de medo.

Dantas Castro, o major assassinado que não temia a morte, tem características de herói mítico. Ex-militar, revolucionário repudiado pelos camaradas, receoso da traição da amante e dos companheiros de fuga, desvincula-se de qualquer grupo social. Totalmente só e desesperado, desce aos infernos através da expectativa apavorada e agônica na casa da Vereda, prova maior em que se inclui a purificação pelo fogo e posteriormente a morte.

A personagem mais importante parece ser entretanto Elias Santana, o interrogador de Mena, possuidor e carcereiro de Lizardo, para quem apanha insetos e vermes (os criminosos?). Solitário e fechado em si mesmo, Elias identifica-se ao lagarto que não se comunica e até se mutila, cortando o próprio rabo. Fascinado pelo corpo de Mena, o investigador tem-no sempre presente e se masturba mentalmente, até concretizar o ato em estado de semi-vigília diante do retrato da mulher. Em outra parte faz um telefonema estranho em que fala de relações sexuais inexistentes. Parece que o medo que Elias tem da morte e que poderia representar-se em um relacionamento sexual intenso leva-o a tentar exorcizá-la, através de especialização em pesquisas de crimes de morte; seu trabalho consiste em “desenterrar os mortos”, o que lhe vale o apelido de “Covas”; mantém em casa um lagarto que aparentemente não tem vida; usa uma linguagem em que se repetem ditados estereotipados e mantém o costume de visitar o cemitério e limpar o túmulo da família, onde coloca flores, alvas toalhas rendadas e os retratos, sentando-se depois em um banquinho de armar para ler as notícias de morte no jornal.

Compreende-se melhor Elias quando se sabe que o pai lhe dizia, em pequeno: “nós cá somos assim, a um lugar de sentenças chamamos-lhe de boa hora e um campo de cemitério dizemos que é dos prazeres”. Identificando-se

com a afirmação do pai, Elias cultua a morte como um prazer, ao mesmo tempo em que a teme.

A máscara, o disfarce, o espelho, o retrato, o duplo e a inversão de papéis estão presentes no romance, denunciando o seu carácter de representação e de jogo e confirmando a sua feição irônica, indicada pela presença de mise-en-abyme. Livros, retratos (Salazar é vigia constante), filmes, músicas e revistas sucedem-se e contribuem direta ou inversamente para a compreensão da obra. “Ele chefiava uma causa perdida e não temia os raios de Deus” é uma das citações de *O Lobo do Mar*, de Jack London, encontrado no esconderijo dos fugitivos. As frases sublinhadas deveriam ser dados importantes na compreensão do crime, segundo o investigador Elias Santana, que atribui os sinais alternadamente ao major, ao cabo e a Mena, indicando ao leitor um enigma a decifrar.

A crítica presente em *Balada da Praia dos Cães* é, por vezes, ferina: a Polícia Judiciária é a Judite, a Judite dos sete véus, a Judite Benemérita, vista como uma companhia decadente de comédias. Denuncia-se a decadência e o culto de um passado morto através da rataria que infesta a casa de Elias e outros locais. O Bazar ortopédico, com os pedaços de corpos – especialmente a mão decepada ao volante do Oldsmobile – parece sugerir um povo deficiente, aleijado, que precisaria adquirir as partes que lhe faltavam para completar-se e tornar-se íntegro.

Também o grotesco e a comicidade estão presentes no romance. Quando trata com a “galinheira”, Elias é visto como uma galinha: “Mas eis senão quando estende a unha a chamar. Pst, pst [. . .]. Agora é outro cacarejar. Mãos nas algibeiras das calças [sem mãos], abas de sobretudo espetadas para trás [como um rabo], Elias passeia-se em redor da lamentosa. Faz terreiro. Volta não volta arremete, apanha coisas; depois alisa, torna a compor, espalha [como a galinha de pintos] [. . .]. Depenou-a em duas bicadas, foi fácil, trigo limpo, e agora todo sozinho, soma as penas que ficaram a flutuar depois dela.”

A crítica ferina alterna-se, entretanto, com passagens pitorescas e até surrealistas: “Elias, com lume brando e desencanto que baste, aquece o leite da manhã”; “uma testemunha local não é obrigada a adivinhar o que fazem dois seios à vela numa gaiola de telhado”; “A casa e o pinhal. Os dois golpeados de luz e murmurados pelos pássaros”; “Lume?, pede um cigarro espetado numa voz”.

Ao final da *Balada da Praia dos Cães* percebe-se que o proposto exercício de funambulismo chegou a bom resultado: equilibrado entre a investigação e a elaboração literária, o romance ultrapassa a proposta de fazer uma dissertação pessoal sobre um crime e critica artisticamente um sistema cuja tônica é o medo, justificativa da mentira e do próprio crime. O núcleo central do romance é tomado como paradigma e o autor denuncia a impotência de uma sociedade em

que todos precisam ser prepotentes para mascarar o medo. Com isso amplia a significação de *Balada da Praia dos Cães*, cujo contexto deixa de ser português para tornar-se universal.

Texto publicado em:

Marcelo G. Oliveira / Petar Petrov (Org.) *As vozes da Balada*: 30o. aniversário de *Balada da praia dos cães*, de José Cardoso Pires. Lisboa: CLEPUL, 2012, p. 36-40.